

A Literatura Clássica ou Os Clássicos na Literatura

PRESENÇAS CLÁSSICAS
NAS LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA

Paula Morão
Cristina Pimentel

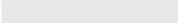
EDIÇÃO

Rui Carlos Fonseca
Joana Veiga
Ricardo Nobre

VOLUME VII



Edições Colibri



A Literatura Clássica ou Os Clássicos na Literatura

Presenças Clássicas nas Literaturas
de Língua Portuguesa

VOLUME VII

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Paula Morão | Cristina Pimentel

EDIÇÃO

Rui Carlos Fonseca | Joana Veiga

Ricardo Nobre


Edições Colibri

 centro de estudos
CLASSICOS

A LITERATURA CLÁSSICA OU OS CLÁSSICOS NA LITERATURA
PRESENÇAS CLÁSSICAS NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – VII

Coordenação Científica: Paula Morão e Cristina Pimentel

© Centro de Estudos Clássicos (FLUL) e autores

Edição: Edições Colibri / CEC

Capa: Raquel Gil Ferreira

DOI: <https://doi.org/10.51427/cla.2025.lcc.7>

ISBN 978-989-566-571-6

Depósito legal n.º 554 582/25

Lisboa, Dezembro de 2025

Todos os textos recolhidos neste volume foram submetidos a arbitragem científica.

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Isabel Buescu (Universidade Nova de Lisboa)

Armando Nascimento Rosa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Carlos Mendes de Sousa (Universidade do Minho)

Cláudia Teixeira (Universidade de Évora)

Cristina Pimentel (Universidade de Lisboa)

Everton Machado (Universidade de Lisboa)

Gil Clemente Teixeira (Universidade do Porto)

João Dionísio (Universidade de Lisboa)

Maria José Ferreira Lopes (Universidade Católica Portuguesa)

Nair de Castro Soares (Universidade de Coimbra)

Nuno Amado (Universidade de Lisboa)

Paula Morão (Universidade de Lisboa)

Rita Patrício (Universidade de Lisboa)

Rui Carlos Fonseca (Universidade da Madeira)

Zulmira Santos (Universidade do Porto)

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/00019/2025, Centro de Estudos Clássicos (<https://doi.org/10.54499/UID/00019/2025>).

Índice

Prefácio	7
<i>Cristina Pimentel, Paula Morão</i>	

ENSAIOS

A world in the making: History according to Damião de Góis.....	13
<i>Lorenzo Zaccaria</i>	

Um Horácio sob censura no tempo da Contrarreforma. As traduções de André Falcão de Resende.....	43
<i>Ana Margarida Silva Azevedo</i>	

Frei Heitor Pinto, leitor dos clássicos	63
<i>Maria Luísa Resende</i>	

Antilogias de discursos na historiografia portuguesa de Quinhentos .	79
<i>Luís Miguel F. Henriques</i>	

<i>Exempla</i> clássicos na obra <i>Tempo de Agora em Diálogos</i> (1622-1624) de Martim Afonso de Miranda	101
<i>Paula Almeida Mendes</i>	

Poemas panegíricos: poética e retórica da virtude na Restauração	119
<i>Maria do Socorro Fernandes de Carvalho</i>	

<i>Sumite materiam vestris, qui scribitis, aequam viribus</i> : alguns apontamentos sobre traduzir Horácio no século XVIII.....	139
<i>David Mesquita; Joana Veiga</i>	

A herança clássica como “baeta da zombaria” em <i>Cenas da Foz</i> de Camilo Castelo Branco	159
<i>Maria José Ferreira Lopes</i>	

Álvaro de Campos e a Filosofia Grega. Heraclito em Pessoa?.....	183
<i>Ana Rita Figueira</i>	

“Evoé! Evoé!”: leituras de Dioniso na obra de Natália Correia	201
<i>João Paulo Simões Valério</i>	

Inmanencia y verdad en la poesía de Sophia de Mello Breyner Andresen: La reescritura de estereotipos femeninos grecolatinos...217 <i>Gregorio Rodríguez Herrera</i>	
A língua dos deuses: o uso do hexâmetro dactílico em <i>Pindorama ou o Brasil Restaurado</i>243 <i>Helena Gervásio Coutinho</i>	
Séneca entre a luz e a sombra, em <i>Memórias de Agripina</i> , de Seomara da Veiga Ferreira253 <i>Ricardo Duarte</i>	
Penélope e Sara sentadas num degrau ou num verso de Daniel Faria .271 <i>Ana Sofia David</i>	
Na moldura do labirinto: <i>Paisagem com mulher e mar ao fundo</i>283 <i>Ana Paula Pinto</i>	
Para qué poetas en tiempos de miseria (neoliberal): ontología política en la poesía de Hélia Correia.....313 <i>Antonio Alías</i>	
<i>Nos teares da Memória (Mnemósine)</i> : presença da Antiguidade clássica na poesia de Ana Luísa Amaral337 <i>Cândido de Oliveira Martins</i>	
A Grécia e Roma em <i>Sete Partidas</i> de Manuel Alegre.....359 <i>José Ribeiro Ferreira</i>	
“Preservação do património e da memória”: intertexto clássico na escrita de Lídia Jorge.....369 <i>Anabela Morais Brás</i>	
<i>Aberto todos os dias</i> : do Renascimento à contemporaneidade.....389 <i>Ana Isabel Correia Martins</i>	

TESTEMUNHOS

<i>António Vieira</i>409	
<i>Rita Taborda Duarte</i>419	
<i>Tatiana Faia</i>433	

Frei Heitor Pinto, leitor dos clássicos

MARIA LUÍSA RESENDE*

Não nego, disse o Portugues, que os homens de ingenho, estudiosos, & desejosos de saber, aproueytam muito tendo muytos liuros: mas hão de ser escolhidos & proueytosos. A principal & mais excellente lição he a da sagrada escriptura, & logo a dos sagrados concilios, & sanctos canones, & a dos sanctos doctores, & depois a dos authores catholicos: & ainda a dos gentios, no que bem disseram.¹

A hierarquia de leituras proposta no *Diálogo da Discreta Ignorância* – um colóquio entre um português, um leonês e um florentino sobre a essência da formação cristã – parece obedecer a critérios de inspiração tridentina, uma vez que, depois da Bíblia, o interlocutor luso defende essencialmente o estudo dos sagrados concílios, dos cânones e de autores da patrística, limitando a leitura dos clássicos greco-latinos, ou seja, os “gentios”, a excertos e passagens moralmente aceitáveis.

* Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP) | marialuisaresende@ucp.pt

¹ Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Discreta Ignorância”, Parte II, cap. IV, pág. 216 (ed. Martins, 1984). Tendo em conta que não existe uma edição crítica da obra de Frei Heitor Pinto, as citações foram feitas a partir do livro publicado em 1984 por Pina Martins, um *fac-símile* da edição de 1843.

A discussão começa quando o português e o lionês encontram o florentino “á sombra d’huns opacos & verdes freyxos”² a ler os *Triunfos* de Petrarca e incide essencialmente sobre a importância da leitura e os seus benefícios para alcançar a verdadeira sabedoria, que distinguem da erudição inútil e da mera curiosidade³. No entanto, a profusão de citações que encontramos ao longo da *Imagem da Vida Cristã* desafia, em certa medida, esta concepção, pois, além das inúmeras alusões bíblicas e das várias referências a obras dos Padres da Igreja, entre os quais se destacam sobretudo São Jerónimo, Santo Agostinho ou Orígenes, os vários diálogos estão, na verdade, repletos de menções a textos da antiguidade clássica⁴, denunciando a sólida formação humanística de Frei Heitor Pinto que, depois de um período inicial no Colégio da Costa, em Guimarães, também estudou Artes e Teologia na Universidade de Coimbra, antes de ter partido para Salamanca e de, posteriormente, ter completado os seus estudos em Sigüenza⁵.

A edificante lista de leituras apresentada no *Diálogo da Discreta Ignorância* coloca-nos, assim, perante várias dificuldades. Além da posição secundária dos “gentios” e da sua limitação aos textos de carácter moral, a conclusão de que “havemos de ler por

² Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Discreta Ignorância”, Parte II, cap. IV, pág. 194.

³ Cf. Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Discreta Ignorância”, Parte II, cap. II, págs. 206-207: “[...] a sciencia dos que sabem, não pera outro fim senão pera saber, he propriamente curiosidade: & a dos que sabem, não pera mais que pera se saber que sabem he vaidade: & a dos que a tem, somente pera a venderem, he torpe ganho: & a dos que se com ella edificam a si mesmos, he prudencia: & a dos que a possuem pera servir a Deos, & pera com ella aproueytar a si, & aos proximos, he caridade: & esta he a excellente, que summamente auemos de trabalhar de ter.” De acordo com Ribeiro (1992-1994: 58), “Heitor Pinto afirma a necessidade da leitura, com fundamento em razões de vária índole: alimentar a criação literária, adestrar e enriquecer o espírito, satisfazer a ânsia de evasão, servir de pasto ao ‘otium cum dignitate’.”

⁴ Sobre as fontes patrísticas da *Imagem da Vida Cristã*, ver essencialmente Glaser (1967: 38-55); sobre os autores clássicos, ver Glaser (1967: 55-76), Ribeiro (1992-1994: 66-75), Torres (2001) e Fardilha (2017).

⁵ Para mais informações sobre a vida de Frei Heitor Pinto, ver Dias (1953: 46-59), Martins (1984: viii-xiv) e Quint (1995: 29-35).

livros proveitosos, discretos, eruditos, de boa e sã doutrina” também permite a inclusão de autores “modernos”, como Petrarca, Marsilio Ficino, Picco della Mirandola, ou ainda Nicolau de Cusa, cujo texto *De docta ignorantia* Frei Heitor Pinto evoca no título do diálogo “Discreta ignorância”, como aliás observou Pina Martins no seu estudo introdutório à edição *fac-similada* da *Imagem da Vida Cristã* (1984: xxxviii). Por outro lado, a insistência na leitura da Sagrada Escritura também não está isenta de dificuldades, já que, no século de Lutero, se entendia que o acesso ao texto bíblico em vernáculo por parte de públicos não especializados poderia dar origem a más interpretações e ser, inclusivamente, fonte de heresias⁶.

Ainda que o Concílio de Trento não tenha proibido as traduções vernáculas da Sagrada Escritura, pois o estabelecimento da Vulgata como “versão autêntica” procurava evidenciar o valor da tradução utilizada pela Igreja durante mais de dez séculos, o decreto foi posteriormente interpretado neste sentido, sobretudo depois da publicação do *Índice de Livros Proibidos* do Papa Paulo IV, em 1559 (O’Malley 2013: 89-102, 160). A proibição da Bíblia *em linguagem* em Portugal é, na verdade, anterior: o primeiro *Rol de Livros Proibidos*, que regista esta interdição, data de 1547 (Sá 1983: 150), e os processos inquisitoriais de que foram alvo António Pereira Marra-maque, António Luís ou Valentim da Luz são um eloquente testemunho do perigo que representava defender a tradução do texto bíblico para português nesta época⁷.

⁶ Sobre esta questão, veja-se, por exemplo, o eloquente testemunho de Diogo de Sá (*Inquisição e Segredos da Fé*, ff. 109v 111r, in Gomes 2012, vol. II: 123-125): “Por onde has d’entender que se as heresias naçem do máo e perverso entendimento da escriptura, que não pode algum mais façilmente cahir nellas que o Vulgo indocto que quer ler o que lhe não he permittido que entenda. Que por cousa difficultosa se deve de ter, entender o Vulgo indocto o que os homens doctissimos com tão longo estudo e com tão diuturna examinação podem escasamente alcançar.”

⁷ Sobre a leitura da Bíblia em vernáculo em Portugal no século XVI, cf. Resende (2024b).

O louvor da Vulgata na *Imagem da Vida Cristã*⁸ e nos comentários ao Antigo Testamento⁹ – contra as traduções de Erasmo de Roterdão ou de Robert Étienne, que advogavam um regresso à leitura dos textos originais, desafiando algumas das leituras tradicionais – colocava Frei Heitor Pinto acima de qualquer suspeita. Não obstante, a inclusão da Sagrada Escritura nesta lista e, mais ainda, as recorrentes citações e paráfrases em língua portuguesa ao longo dos seus diálogos constituíam, de certo modo, um desafio à tendência de menorização do texto bíblico na formação cristã, sentida sobretudo a partir da segunda metade do século XVI. Como afirma Carvalho (1984: 306), o constante recurso a citações bíblicas “parece ser o resultado da sua decisão de fornecer, num tempo em que o acesso ao texto Sacro em vulgar era absolutamente desencorajado, a mais extensa antologia, comentada, desses textos para sobre elas meditar o seu leitor...”¹⁰. Efectivamente, os diálogos da *Imagem* dirigiam-se a um público muito mais vasto e menos especializado do que os seus comentários, escritos em latim. Sabemos ainda – sobretudo pelos estudos de Francisco Leite de Faria (1987) – que esta obra teve um êxito inesperado, pois rapidamente se tornou o livro português mais editado no século XVI, desde a sua primeira

⁸ Cf. Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Discreta Ignorancia”, Parte II, cap. IV, pág. 214: “Esta versão que agora temos, que se chama a vulgata, he recebida na igreja catholica desdo tempo de são Ieronymo: & ella he a mais excellente de todas, na qual não há erro, nem macula. Ella he a que temos, & que allegamos, & a com que nos abraçamos, & commentada pelos doctores catholicos, interpretada pelos sanctos padres, declarada pela sancta madre igreja Romana, approuada pelos sagrados concilios.”

⁹ Cf. Frei Heitor Pinto, *Opera Omnia Latina*, Tomus Primus, Lugduni: apud Stephanum Michaellem, 1584, pág. 156: *Et ita habet editio vulgata, quae est omnium certissima, gravissima, integerrima. Quam ob causam omnibus aliis merito antepositur. Eam tenet et approbat ac tenendam et approbandam praecipit sancta nostra mater Ecclesia Romana Catholica.*

¹⁰ Cf. Quint (1999) para uma análise de ideias subversivas ao longo da *Imagem da Vida Cristã*. Sobre a importância do texto bíblico, ver sobretudo o estudo de Glaser (1967: 33-38).

publicação, em 1563, em Coimbra². O incrível sucesso dos diálogos, a que não terão sido alheios aspectos como a sua brevidade e a clareza do discurso, levou a que fossem inclusivamente traduzidos para espanhol, francês e italiano. Em 1589, foram também vertidos para a língua latina, no âmbito da segunda edição dos *Opera Omnia*³.

O contributo da *Imagem da Vida Cristã* para o acesso à Sagrada Escritura não pode ser, todavia, desvinculado do contexto em que surgem as alusões bíblicas, visto que os abundantes comentários e explanações presentes ao longo da obra impediriam uma má compreensão do texto e o surgimento de interpretações subversivas. Por outro lado, o facto de se tratar de citações ou paráfrases também não menoriza a sua importância, pois, de acordo com Glaser (1976: 97), as referências textuais são de tal modo relevantes na *Imagem* que não se reduzem a um mero artifício literário, tratando-se, pelo contrário, da própria essência da obra⁴. De facto, já no Prólogo dedicado a D. Teodósio, Bispo de Bragança, Frei Heitor Pinto afirmava que alicerçara o seu pensamento em “approuados & excellentes authores”, assumindo assim o valor que adquirem estas fontes no desenvolvimento do seu processo discursivo:

Tudo o *que* digo nesta obra, vay corroborado com autoridades das diuinas letras, & de muy approuados & excellentes authores. Porque assi como quem quer prantar hum nouo jardim, busca garfos & enxertos de boas aruores, assi eu busquei autoridades de graues & famosos authores, pera prantar neste liuro diuiso em dialogos a maneira dos de Platão.⁵

² *Imagem da Vida Christam ordenada per dialogos como membros de sua cõposiçam*. Coimbra: João de Barreyra, 1563. A segunda parte foi publicada em 1572 (*Segunda Parte dos Diálogos da Imagem da Vida Christam*. Lisboa: João de Barreyra, 1572).

³ Fratris Hectoris Pinti Lusitani [...] *Dialogi Morales ab authore ipso vulgari Lusitanorum lingua scripti, nunc recens latinitate donati et ad reliqua auctoris opera adiuncti. Qui operum Tomum Quartum constituent*. Lugduni: apud Haeredes Bartholomaei Honorati, 1589. Cf. Quint (1995: 42-48).

⁴ Cf. Glaser (1967: 27-28), Ribeiro (1992-1994: 55-56) e Fardilha (2017: 114).

⁵ Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Prologo do author”, Parte I, pág. XIV.

O estudo das “authoridades” da *Imagem da Vida Cristã* imbuí-se, assim, de uma relevância clara, pois a pertinência dos “graues & famosos authores” desafia a aparente simplicidade advogada pelo interlocutor português no excerto do *Diálogo da Discreta Ignorância* apresentado em epígrafe. Numa obra com uma evidente intenção moralizante, em que, supostamente, se defende uma cuidadosa selecção literária, importa compreender como são lidas e usadas as fontes de Frei Heitor Pinto e, ainda, os principais aspectos e problemáticas decorrentes da leitura de autores da antiguidade clássica, nos quais focaremos a nossa análise.

*

O recurso a citações de textos clássicos para corroborar o pensamento e os argumentos das várias personagens é particularmente evidente no *Diálogo da Verdadeira Filosofia*. Depois de uma referência à Segunda Epístola de São Paulo aos Coríntios e ao Livro de Daniel sobre a inconstância da vida, entendida como “figura” ou “imagem”¹⁵, o ermitão recorre aos textos dos “philosophos gentios”, numa delicada concessão ao filósofo e ao seu companheiro, que insistiam na “vã” doutrina aristotélica:

Mas porque vos fugistes aos Philosophos gentios, per elles vola quero prouar. [...]. Euripides dizia que a gloria do mundo nam duraua mais que *hum* dia, como *conta* Plutarcho. E ainda disse muyto. E nam sem causa foy reprimido de Demetrio que não ouuera de dizer *hum* dia, mas *hum* ponto, porque *num* ponto se consume toda ella. E daqui veo o antigo prouerbio: (Homo bulla), de que usa **Varro** na pefaçam dos liuros da Agricultura: & **Luciano** no dialogo de Charonte, *que* quer dizer que o *homem*

¹⁵ Cf. Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Verdadeira Philosophia”, Parte I, cap. II, pág. 15: “Que nos quer nisto a sagrada escriptura significar, se nam que as cousas do mundo sam *humas* vans imagens sem fundamento nem firmeza, varias, incertas, inconstantes, caducas & transitorias, *que* passam como sonho, poys se não *vem* senam em sonhos, & *que* em fim nam sam cousas solidas, mas sombra dellas? O Ecclesiastico chamalhe sonhos, sombra, vento, & mentiras manifestas.”

he huma empola dagoa, que logo se desfaz. **Homero** compara a vida humana a folhas daruores caducas; & **Píndaro** a sonho de sombra. Nam se contentou com lhe chamar sombra, mas sonho de sombra.¹⁶

Independentemente da possibilidade de um conhecimento profundo dos clássicos greco-latinos, a enumeração de vários autores que trataram da mesma temática remete-nos para o uso de compilações e florilégios que circulavam na época. Este passo em concreto provém dos *Adagia* de Erasmo de Roterdão, mais especificamente do adágio “*Homo bulla*”, em que são referidos, entre outros, Varrão, Luciano, Homero e Píndaro:

O ser humano é uma bolha. Este provérbio lembra-nos que nada é mais frágil, mais fugaz ou mais vazio do que a vida humana. Uma bolha é aquele inchaço vazio que se vê na água e que, no momento em que nasce, nesse mesmo instante desaparece. No prefácio que escreveu aos livros *Da Agricultura*, **M. Terêncio Varrão** diz o seguinte: “Considero que me devia apressar pois, se, como se diz, o homem é uma bolha, muito mais o é o idoso. De facto, os meus oitenta anos de idade advertem-me a recolher a minha bagagem, antes de partir desta vida.” Também **Luciano**, no *Caronte*, compara deste modo as vidas dos homens a bolhas, pois algumas, assim que nascem, imediatamente se desvanecem, enquanto outras duram um pouco mais, mas todas sucedem umas às outras em brevíssimos intervalos [...]. A semelhança com bolhas encontra paralelo naquela famosa comparação, de **Homero**, com as folhas que caem das árvores [...]. **Píndaro** superou a imagem homérica ao chamar ao homem não folhagem, mas sonho de uma sombra.¹⁷

¹⁶ Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Verdadeira Philosophia”, Parte I, cap. II, págs. 17-18 [destaque nosso].

¹⁷ Cf. Erasmo de Roterdão *Adagia* II.3.48 (ASD II.3. 256-264): Πομφόλυξ ὁ ἄνθρωπος, *id est* Homo bulla. *Prouerbiū hoc admonet humana vita nihil esse fragilius, nihil fugacius, nihil inanius. Est enim bulla tumor ille inanis, qui visitur in aquis momento temporis enascens simul et euanescens.* M. Terentius Varro *in praefatione, quam scripsit in libros De agricultura*, Cogitans, inquit, esse

Como afirma Glaser (1967: 30-31), ainda que não haja motivos para duvidar da formação de Frei Heitor Pinto, ou mesmo do seu conhecimento dos textos e dos autores mencionados, o facto de raramente indicar passagens concretas pressupõe o uso de compêndios ou outro tipo de manuais, à semelhança de vários escritores da sua época, como por exemplo Jorge Ferreira de Vasconcelos¹⁸. Na verdade, é explicitado, pela personagem do filósofo do *Diálogo da Tranquilidade da Vida*, que também a *Officina* de Ravísio Textor terá sido uma importante fonte da *Imagem*:

Porque se quisesse contar, quantas cousas tenho lido a este proposito, primeyro me faltaria o tempo que a pratica: & seria outro trabalho igoal ao de Corebo, que queria contar, quantas ondas no már auia, como o conta Eustathio & Luciano, & o traz Rausio Textor na *Officina*¹⁹.

A menção dos trabalhos de Corebo com o intuito de expressar a inutilidade de acumulação de exemplos também se encontra nos adágios de Erasmo, para os quais Ravísio Textor, aliás, remete²⁰. É

properandum, quodsi, vt dicitur, homo est bulla, eo magis et senex. Annus enim octogesimus admonet me, vt sarcinas colligam, antequam proficiscar e vita. Lucianus item in Charonte vitas hominum bullis huiusmodi similes facit, quarum aliae, simul atque natae sunt, protinus euanescunt, aliae paulo diutius durant, omnes breuissimis quibusdam interuallis aliae succedunt aliis [...]. Ad bullarum similitudinem accedit nobilis illa Homeri comparatio de caducis arborum foliis. [...] Pindarus vicit etiam Homericam similitudinem, vt qui hominem non frondes, sed vmbrae somnium vocarit. [A tradução é da nossa autoria]. Sobre o uso da obra de Erasmo de Roterdão, ver também Martins (1973: 155-156); relativamente a outros florilégios, ver Glaser (1967: 29-33) e Fardilha (2017: 110). Cf. Torres (2001: 504).

¹⁸ Para uma análise do uso de antologias na obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos, ver Resende (2018) e bibliografia aí mencionada.

¹⁹ Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Tranquilidade da Vida”, Parte II, cap. V, pág. 32.

²⁰ Erasmo de Roterdão *Adagia* II.4. 64 (ASD II.4. 254): Ἡλιθιώτερος Κοροίβου, id est Stultior Coroebo. *Prouerbialis hyperbole in stupidos et vecordes. Coroebi stultitia vulgi fabula celebrata est, qui maris vndas numerare sit conatus, cum non potuerit ultra quinque prosequi supputationem. Meminit huius Eustathius in decimum Odysseae et Lucianus in Amoribus [...].*

pouco provável, no entanto, que tenha sido essa a fonte de Frei Heitor Pinto, pois o humanista de Roterdão indica que a citação de Luciano provém dos *Amores*, um diálogo que consiste numa comparação entre o amor heterossexual e homossexual, com o intuito de tentar perceber qual deles é o superior.

Independentemente do carácter hiperbólico da citação, o próprio contexto tornaria inadequado o estabelecimento de uma relação com a obra de Luciano, já que a referência aos amores de Corebo surge a propósito da enumeração das aventuras amorosas de Teomnesto, que afirma: “[...] mais facilmente contarias as ondas do mar ou os densos flocos de neve que caem do céu, do que o número dos meus Amores” (Luciano 2012: 143). A ausência de ligação com a obra de Luciano, potenciada pela inclusão do adágio numa lista de outros autores que o referiram, permite a sua adaptação a um novo contexto, obliterando assim a associação com o amor homossexual, que poderia subverter a intenção moralizante da *Imagem da Vida Cristã*. Com efeito, o próprio uso de antologias e florilégios, ao pressupor uma renúncia ao original, minimizava sumamente o risco da leitura dos clássicos, contribuindo para a transmissão de uma imagem edificante dos *auctores*.

Esta abordagem utilitária dos textos greco-latinos, e a sua adaptação ao pensamento cristão, está bastante presente ao logo da obra de Frei Heitor Pinto, sobretudo quando se defende uma selecção da “lição dos gentios” e a rejeição das “cousas inúteis e danosas”²¹ ou, mais especificamente, numa menção ao motivo bíblico da *spoliatio Aegyptorum* (Ex. 12, 35-36) como forma de legitimar o uso da eloquência dos antigos para fazer “a Deos seruiço”:

Nam cuydey que num ermitão ouesse tanta eloquencia. Mas em fim assi como os Hebreos deyxando o Egypto trouxeram consigo as joias dos Egyptianos, pera seruirem a Deos com

²¹ Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Discreta Ignorancia”, Parte II, cap. X, págs. 258-259: “Assi como os que buscam ouro nalguma mina, fazem hũa os que buscam proueyto na lição dos gentios devem fazer uma coua de profunda humildade em que se metam, e lançar fora o peso da terra das cousas inúteis e danosas; e assi cauando irão descobrindo o ouro da excellente doctrina.”

ellas, assi vos deixando o mundo leuastes convosco as joias de sua eloquencia, pera *com* ellas fazerdes a Deos seruiço.²²

A longa tradição de identificar os textos da antiguidade com os despojos levados do Egipto para a construção do Tabernáculo permitiu justificar, desde Orígenes, o uso do pensamento pagão na literatura cristã²³. Este motivo também foi difundido, já no século XVI, nos tratados pedagógicos da Companhia de Jesus, que, para evitar a presença de excertos imorais, promoviam uma cuidadosa selecção dos textos usados em aula, prevendo inclusivamente a possibilidade da sua expurgação²⁴. Ainda que a referência a esta imagem revele uma concordância com o uso instrumental dos clássicos, facilitado, em última instância, pelo uso de antologias e compêndios pedagógicos, algumas personagens da obra de Frei Heitor Pinto parecem contrariar esta interpretação restritiva, ao defender que o leitor deve ser capaz de identificar a “boa doutrina” presente nos “liuros dos gentios”:

[...] quanto mais viuo & subtil for o ingenho, tanto mais proueyto fará, achando bom subjeyto, & sendo bem empregado, deyxando o mau, & escolhendo o bom. Assi como a joeyra tem por officio apartar as alimpaduras do trigo, assi o bom ingenho ha de separar o vão do solido, o necessario do superfluo, o vtil do pernicioso. Officio he do bom ingenho joeyrar as artes & as sciencias, e deyxar o mau, & escolher o bom. [...] Mas *com* tudo isto não me deueis negar ser cousa proueytosa ler ás vezes per liuros dos gentios, pera escolher d’eles o bom, & deyxar o mau, quando nelles há *que* escolher. Que á verdade alguns hai, que

²² Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Verdadeira Philosophia”, Parte I, cap. VIII, pág. 83 (ed. Martins 1984).

²³ Cf. Frizzel (1994: 388-390). Sobre a difusão deste tópico desde a literatura cristã, ver Folliet (2002).

²⁴ Cf., e.g., Loiola (1975: 138): “Nas obras literárias de autores pagãos não se leiam passagens imorais. O resto pode a Companhia utilizá-lo como despojos do Egipto.” Relativamente à aplicação deste tópico em colégios jesuíticos portugueses no século XVI, ver Resende (2024a).

não aproueytam pera cousa alguma; sem embargo que hai muytos outros, de *que* se tira boa doutrina.²²

A insistência no “viuo & subtil” engenho pressupõe, assim, uma capacidade de escolha que não se coaduna com uma selecção das obras concordantes com a moral cristã em detrimento de textos passíveis de conterem passagens imorais. Do mesmo modo, a defesa da possibilidade de leitura dos gentios para deles se poder extrair o “útil” e o “necessário” implica, em última instância, uma responsabilização do leitor, que não só deve ter capacidade de análise e juízo crítico, como também deve ser dotado de um certo grau de autonomia que dificilmente se afigura compatível com um acesso aos textos limitado por antologias, compêndios ou outro tipo de manuais quinhentistas.

A procura de um equilíbrio entre a importância dos clássicos e o perigo suscitado pela sua leitura é, na verdade, bastante evidente ao longo da *Imagem da Vida Cristã*, pois as personagens tanto evocam autoridades que defendem o seu estudo, como se referem às letras profanas como “mantimento de porcos” na medida em que “incham, & não fartam, quando tractam cousas vãs & fofas, & perniciosas”²³. Se, por um lado, a referência aos trabalhos de Corebo no *Diálogo da Tranquilidade da Vida* demonstra uma valorização dos clássicos como repositório de adágios e citações – tendo em conta que qualquer remissão para os *Amores* de Luciano teria a capacidade de distorcer a índole moralizante da obra quinhentista –,

²² Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Discreta Ignorancia”, Parte II, cap. IX, págs. 252-253. Sobre a responsabilidade do leitor, cf. Quint (1999: 59-61).

²³ Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Discreta Ignorancia”, Parte II, cap. X, pág. 259: “Os que deyxam os liuros catholicos, & discretos, & proueytosos polos profanos, & friuolos, & empeciuees, são semelhantes ao filho prodigo, de que fala o euangelho, que apartandose de seu pay, que he Deos, deyxando as boas igoarias, *que* são os *bons* documentos da sancta escriptura, & dos outros liuros excellentes, com que a alma se apascenta, comia as casacas, que ficauam do mantimento dos porcos, que são as letras profanas, que incham, & não fartam, quando tractam cousas vãs & fofas, & perniciosas.”

por outro, a ideia de uma profundidade de pensamento que, segundo Clemente de Alexandria, advinha de um contacto com a Sagrada Escritura²⁷ evidencia uma tentativa de legitimação destes textos que não se reduz ao seu valor estético.

Esta tensão relativamente ao uso dos clássicos reflecte, segundo Glaser (1967: 56), as próprias atitudes contraditórias dos Padres da Igreja e é possibilitada, em última instância, pela estrutura da *Imagem*, dividida em vários diálogos, de modo a promover uma interacção de várias vozes, que são exploradas a partir de diferentes perspectivas. Assim, além de imprimir vivacidade à prosa, a dimensão coloquial também permite uma troca constante de opiniões e diferentes pontos de vista, furtando-se a uma exposição sistémica e inflexível dos assuntos tratados²⁸. Esta estruturação do discurso possibilita assim uma exposição de diferentes ideias, não só por parte das personagens, mas também pelos diversos autores – cristãos, gentios, antigos e modernos –, que são constantemente trazidos à colação, contribuindo para expressar o pensamento subversivo do próprio Frei Heitor Pinto, que se evidencia, de acordo com Quint (1999), em críticas à sociedade do seu tempo, à vida áulica, ou inclusivamente ao próprio poder político²⁹.

Neste sentido, parece-nos bastante redutora a interpretação de que o recurso à citação implica um repúdio da originalidade de pensamento decorrente do clima doutrinário do século XVI e do crescente peso da censura inquisitorial, como aduz Fardilha (2017: 109). De acordo com Glaser (1976: 98-99), também não se trata da

²⁷ Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, “Diálogo da Discreta Ignorância”, Parte II, cap. IX. pág. 255: “E não he de espantar lerem os catholicos pelos liuros dos gentios, pois os mesmos gentios leram pela sancta escriptura, donde tiraram o bom, que dizem. Assi o affirma & proua Clemente Alexandrino nos Stromatos”. Cf. Margerie (1991: 246-249).

²⁸ Sobre a influência dos diálogos de Platão na *Imagem*, ver Glaser (1967: 61-63; 1976: 87-96).

²⁹ Cf. Martins (1984: xvi): “O diálogo, com efeito, põe em presença dois ou mais sujeitos que se disputam, que se interrogam, que se transmitem ideia se propósitos, na concordância ou na discordância, mas, como quer que seja, num intercâmbio humano de enriquecimento que é o confronto directo”. Sobre esta questão, ver sobretudo Quint (1999).

existência de um conflito entre a sua formação humanista e a doutrina católica, mas de uma perspectiva que, na esteira de Santo Agostinho e São Jerónimo, promovia uma leitura moralizante do pensamento pagão³⁰. Esta atitude não era, na verdade, incomum e, segundo Grafton (1985), também *Salutati* ou Erasmo de Roterdão continuaram a usar métodos de análise e interpretação conotados com o período precedente, numa tensão que seria apenas aparente, tendo em conta que a coexistência de diferentes tipos de aproximação aos textos clássicos dependia sobretudo do contexto e objectivo da própria leitura.

Assim, os “*excellentes auctores*” a que Frei Heitor Pinto recorre na *Imagem da Vida Cristã* para “prantar *hum* nouo jardim” são efectivamente “*enxertos*”, na medida em que são adaptados, moldados e inseridos no texto de modo a incentivar o desenvolvimento da discussão, consoante a possibilidade de promoverem a edificação cristã. O uso de compêndios e antologias que, de facto, se verifica não esgota, todavia, a relevância da leitura dos clássicos, pois o reconhecimento da importância do engenho e da capacidade crítica no momento de acesso aos textos garante um certo grau de liberdade ao leitor, mesmo que este deva ser guiado pelo objectivo primordial de, como aduzia o interlocutor português no *Diálogo da Discreta Ignorância*, valorizar os gentios “no que bem disseram”.

Bibliografia

- Carvalho, José Adriano de Freitas (1984). “A ‘*Ars Orandi*’ de Frei Heitor Pinto e as raízes culturais da ‘*Imagem da Vida Cristã*’: no quarto centenário da sua morte”. *Humanistica e Teologia* 5(3): 291-318.
- Dias, Luiz Fernando de Carvalho (1953). *Fr. Heitor Pinto (novas achegas para a sua biografia)*. Coimbra: Biblioteca da Universidade.
- Erasmo de Roterdão, D. (2005). *Opera Omnia Desiderii Erasmi Roterodami*. Tomus II.3. Amsterdam: Elsevier.
- Fardilha, Luís (2017). “A retórica da citação na *Imagem da Vida Cristã*, de Frei Heitor Pinto”. *Via Spiritus* 24: 107-117.

³⁰ Sobre as atitudes quanto aos clássicos, ver Glaser (1967: 75; 1976: 102) e Ribeiro (1992-1994: 66-72).

- Faria, Francisco Leite de (1987). “O Maior Êxito Editorial no Século XVI em Portugal: a *Imagem da Vida Cristã* por Frei Heitor Pinto”. *Revista da Biblioteca Nacional* 2: 83-110.
- Folliet, Georges (2002). “La ‘Spoliatio Aegyptiorum’ (Exode 3:21-23M 11:2-3; 12: 35-36). Les interprétations de cette image chez les pères et autres écrivains ecclésiastiques”. *Traditio* 57: 1-48.
- Frizzel, Lawrence (1994). “‘Spoils from Egypt’, between Jews and Gnostics”. In *Hellenization Revisited*, ed. Wendy Helleman. California: University Press of America, pp. 383-394.
- Glaser, Edward (1967). “Las fuentes de la *Imagem de la vida cristiana*”. *Imagem de la vida cristiana*. Introd., ed. y notas. Barcelona: Juan Flors, pp. 26-76.
- Glaser, Edward (1976). *Portuguese Studies*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.
- Gomes, Cristina Costa (2012). *Diogo de Sá no Renascimento Português. Vol. 1: Estudo; Vol. 2: Estudo Introdutório, Transcrição, notas e edição crítica de Inquisição e Segredos da Fé*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos.
- Grafton, A. (1985). “Renaissance Readers and Ancient Texts: Comments on Some Commentaries”. *Renaissance Quarterly* 38: 615-649.
- Loiola, Santo Inácio de (1975). *Constituições da Companhia de Jesus*, tradução e notas de Joaquim Mendes Abranches. Lisboa: s.n.
- Luciano de Samósata (2012). *Luciano [III]*, tradução do grego, introdução e notas de Custódio Mageuêjo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Margerie, Bertrand de (1991). “Les grands auteurs religieux dans la littérature classique du Portugal”. *Didaskalia* 21(2): 213-520.
- Martins, J. V. de Pina (1973). *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI. Estudo e Textos*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.
- Martins, José V. de Pina (1984). “Introdução”. In *Imagem da vida cristã*. Tomo I e II. [fac-símile da edição de 1843]. Porto: Lello & Irmão Editores.
- O’Malley, John W. (2013). *Trent. What Happened at the Council*. Cambridge: Harvard University Press.
- Pinto, Heitor (1584). *Opera Omnia Latina*. Tomus Primus, Lugduni: Apud Stephanum Michaellem.
- Pinto, Heitor (1984). *Imagem da vida cristã*. Tomo I e II [fac-símile da edição de 1843]. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Quint, Anne-Marie (1995). *L’ Imagem da Vida Cristã de Frei Heitor Pinto*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- Quint, Anne-Marie (1999). “Ideias subversivas de um humanista cristão”. *Veredas* 2: 49-61.

- Resende, Maria Luísa (2018). “Fontes gregas da *Comédia Eufrosina*: o contributo de Erasmo”. *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* 12.1: 57-73.
- Resende, Maria Luísa (2024a). “*Spolia Aegypti*: autores clássicos e o estudo da língua grega em colégios jesuítas portugueses no século XVI”. *Lusitania Sacra* 49: 19-29.
- Resende, Maria Luísa (2024b). “Vernacular Bibles and Inquisitorial Censorship in 16th-century Portugal”. In *Del Humanismo a las humanidades en el Renacimiento: alegorías y representaciones, textos y contextos*, eds. Ana Rodríguez Laiz e Inmaculada Delgado Jara. Berlin: Peter Lang, pp. 223-233.
- Ribeiro, José António Pinto (1992-1994). “A ‘Imagem da Vida Cristã’ e a leitura dos clássicos”. *Revista da Universidade de Aveiro – Letras* 9-11: 55-80.
- Sá, Artur Moreira de (1983). *Índices dos Livros Proibidos em Portugal no Século XVI*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Torres, Amadeu (2001). “Intertexto clássico e parcimónia mitológica em Frei Heitor Pinto”. In *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*, ed. A. Polónia. Vol. 2, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 499-507.